

EP 165

SÍFILIS CONGÊNITA COM MANIFESTAÇÕES CUTÂNEAS INTENSAS E DIVERSAS - RELATO DE CASO

Lethicia Bernardo Chimello,
Henrique Moreira Umehara,
André Giglio Bueno

Hospital PUC-Campinas, Campinas, SP, Brasil

Introdução: Sífilis é a doença causada pela bactéria espiroqueta *Treponema pallidum* e as principais formas de transmissão são através de relações sexuais desprotegidas ou da mãe para filho, durante a gestação (transplacentária) ou durante o parto. A despeito da existência de estratégias muito eficazes e capilarizadas para prevenção e tratamento adequados da sífilis durante o pré-natal, nos últimos dez anos vem sendo observado um aumento na incidência e na ocorrência de óbitos pela sífilis congênita no Brasil. É fundamental, portanto, que os médicos atuando na assistência de gestantes e crianças estejam absolutamente familiarizados com as manifestações da doença.

Descrição e comentários: Trata-se de um caso de primigesta de 21 anos que não fez acompanhamento pré-natal e é admitida no hospital devido ruptura prematura de membranas ovulares, com idade gestacional de 31 semanas +5 dias. No atendimento foi constatado sofrimento fetal agudo e optado pela resolução da gestação por cesárea de urgência. Recém-nascido (RN), do sexo masculino, apresentou bradicardia, hipotonia e sofrimento respiratório, necessitando ser submetido à intubação orotraqueal ainda na sala de parto. Ao exame físico apresentava abdome com petéquias, equimoses e sufusões hemorrágicas. Nas regiões palmo-plantares havia máculas eritematosas e acobreadas e erupções vesico-bolhosas. VDRL materno e do RN eram reagentes, com a mesma titulação (1:64). Hemograma apresentava anemia e plaquetopenia (Hb: 8,4 / plaquetas: 23 mil) e radiografia de tórax demonstrava opacidades intersticiais bilaterais. A coleta de líquido cefalorraquidiano naquele momento não foi realizada devido à plaquetopenia. Criança recebeu diagnóstico de sífilis congênita e foi iniciado tratamento com Penicilina Cristalina. Após normalização de plaquetas, foi realizada a coleta e análise do líquido cefalorraquidiano, com VDRL reagente (1:1) e hiperproteínoorraquia, perfazendo critérios para diagnóstico de neurosífilis, portanto. O RN permaneceu internado por 50 dias e recebeu alta em boas condições. Durante o período de internação a criança fora submetida a investigação com mapeamento de retina, ultrassonografia transfontanela, e de abdome total, radiografia de ossos longos, e outros exames de triagem neonatal, todos sem alterações. Atualmente RN faz acompanhamento nos ambulatórios de transmissão vertical, oftalmologia, cardiopediatria e pediatria geral.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101901>

EP 166

SÍFILIS CONGÊNITA NO ESTADO DA BAHIA ENTRE 2011 E 2020: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

Milena Gama Chaves ^a,
Tatiana Cibelle de Souza Silva ^a,
João Marcelo Leite de Faria ^a,
Elias Santos Guerra ^b,
Luiza Helena Castro Souza Lopo ^a

^a Centro Universitário UniFTC, Salvador, BA, Brasil

^b Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil

Introdução/Objetivo: A sífilis congênita é uma doença causada pela disseminação da bactéria *Treponema pallidum* da mãe para o feto e, segundo a OMS, constitui causa importante de óbito fetal, baixo peso ao nascer e infecção neonatal grave. Apesar de ser um agravo evitável, isso dependerá das condições do atendimento no período neonatal, bem como dos determinantes sociais da comunidade onde os casos são incidentes, ao longo do tempo. O presente estudo tem como objetivo descrever a evolução epidemiológica da sífilis congênita ao longo de 10 anos.

Métodos: Estudo epidemiológico, observacional, transversal e retrospectivo de caráter descritivo realizado através da coleta de dados secundários por meio do levantamento dos casos confirmados de sífilis congênita, datando de 1º de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2020 com taxas de prevalência e mortalidade disponibilizados pela Superintendência de Proteção e Vigilância em Saúde (Suvisa),

Resultados: No Estado da Bahia, entre 2011 e 2020, registrou-se 13.049 casos de sífilis congênita. De 2011 a 2016 houve um aumento progressivo anual de notificações, saindo de 4,2% (n = 557) em 2011 e atingindo 13,7% (n = 1.796) em 2016. Após essa crescente, percebeu-se pequena diminuição do número em 2017. O maior índice registrado durante o período estabelecido ocorreu em 2018 com 14,4% (n = 1.878) do total de casos, o qual antecipou decréscimos nos anos seguintes. Com relação a evolução da doença observou-se que 97,7% (n = 10.829) dos indivíduos seguiram vivos após o diagnóstico da doença e 1,5% (n = 168) evoluíram para óbito pelo agravo notificado. O menor índice de mortalidade registrado ocorreu em 2020 com 7 mortes por sífilis congênita e o maior deu-se em 2013 com 28 falecidos pelo agravo. Durante esse intervalo estudado 0,6% (n = 71) dos indivíduos diagnosticado com sífilis congênicas evoluíram para óbito por outras causas não relacionadas com a doença em estudo.

Conclusão: Evidenciou nesse período um aumento de notificações nos anos de 2011 e 2016 no estado da Bahia, por conta de um precário atendimento de pré-natal, principalmente no diagnóstico, que muitas vezes a gestante só é diagnosticada no momento do parto e no tratamento inadequado tanto para a gestante e o parceiro, afetando diretamente o controle da transmissão vertical da sífilis. Além disso, outro fator que afeta diretamente a subida dos casos de sífilis congênita é a baixa adesão dos programas de prevenção o que resulta em uma baixa eficácia perante a população.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101902>